A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Redacção: Rua de St. Anna

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA",

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. 500 réis
Avulso 20 »
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Monarchia e republica

(Conclusão)

Se, pois, sendo theoreticamente boa, os monarchicos praticamente a receiam e contra ella lutam, alguma coisa ha que a isso os leve.

Pondo de parte os inconfessaveis motivos que á maior parte mantem acorrentados á fórma monarchica e admittindo que alguns haja que de boa fé vejam n'ella a de maiores garantias para a patria que todos nós amamos e desejamos ver florescer vamos a esses — e só a esses, os de boa fé — apresentar algumas considerações:

No seu dizêr (que nunca o tal nos passou pela mente) a implantação da Republica trará a perda da nossa autonomia pela administração estrangeira e um profundo abalo social com todos os horrores d'uma revolução e d'uma lucta fratricida.

Mas, pergunto, porque traria a perda da nossa independencia?

Porque o Direito publico que rege as relações dos povos entre si, contém qualquer disposição que permite a ingerencia d'um povo nos destinos e negocios internos d'outro povo? Não; os monarchicos o affirmam.

Então porque, apesar d'isso, usando da força as grandes nações podiam impôr-nos a sua vontade? Mas então convence-se alguém de quando isso fosse resolvido no concerto mundial — e só assim seria exequível — obstava á sua realização a fórma de governo do nosso paiz?

Tem-se apresentado como poderosa razão a favor da monarchia o estreitamento de relações pessoaes dos monarchas que evita esse acontecimento.

Mas a verdade é que quando houvesse de dar-se a intervenção estrangeira, não era ella a consequencia da vontade dos monarchas, mas sim de variadissimas e poderosissimas forças que quando no monarcha encontrassem resistencia a elle mesmo arrastariam e nas republicas tambem pôde haver essas relações.

Nem se comprehende que o destino d'um povo, a existencia d'uma nacionalidade esteja em pleno seculo 20 na mão d'uma familia, d'um homem, ou como entre nós actualmente, na d'uma creança que começa o seu governo por se declarar ao paiz incompetente e absolutamente

ignorante em assumptos de governação.

Não pôde porque repugna á razão admittir-se que um povo dependa d'uma existencia; milhares d'existencias terminam n'uma decada, só de seculos a seculos desaparece uma nacionalidade, e só depois de milhares d'annos decorridos desaparece um povo!

Um outro argumento dos monarchicos, é a necessidade d'evitar o abalo economico e financeiro que a mudança de regimen traria. Mas quantos abalos da mesma natureza nos tem trazido o regimen! De mais o credito não depende ainda d'um homem, mas sim da riqueza da nação, dos seus recursos e ainda da fórma como é administrada; e se por a mudança de regimen se não alterava o valor dos seus recursos, profunda alteração soffreria a fórma da sua administração.

Como penhor da sua moralidade no novo regimen temos o caracter dos dirigentes republicanos que podendo a trôco d'uma vilania é certo, auferir bons e rendosos empregos, preferem, porque são dignos, uma vida de luctas e perseguições ferozes mas limpa de manchas.

E se a moralidade na administração dos dinheiros publicos é incontestavelmente indispensavel, como tal reconhecida pelos monarchicos, parece que logicamente elles se deverão afastar do regimen em que tal moralidade não exista; as ultimas revelações no parlamento decidiram definitivamente sobre a moralidade do actual regimen.

Eu não quero affirmar, — como o tem feito todos os monarchicos — que a dentro do regimen não ha um unico homem honrado.

A affirmativa todavia já foi feita por mais d'uma vez por os proprios monarchicos.

Se, porém, esses homens existem e não restando já hoje, por confessados, a menor duvida de que todos os ministerios fizeram adeantamentos resolvidos em conselho de ministros e portanto de responsabilidade pelo menos moral de todos os ministros, que representam pela escolha os melhores dentro de cada partido, vemo-nos diante do seguinte dilemma:

Ou a culpa é do regimen que corrompe os homens e os obriga a violar a lei e n'esse caso o regimen deve ser substituido, ou a culpa é dos homens, e n'esse caso tendo todos feito o mesmo e sendo por cada reincidencia, novamente chamados

a gerir pasta, teem o completo apoio dos seus partidos que assim se tornam seus cumplices ou encobridores, e n'esse caso devemos afastar-nos d'esses homens que não querem ser honestos.

Mas afastando-nos d'elles ahi fica o chefe d'estado em eguaes condições porque, como elles, tambem prevaricou.

Um outro receio dos monarchicos é a perturbação que a mudança de regimen ha de trazer. Em primeiro logar convem lembrar que o actual regimen deve a sua existencia a um movimento que trouxe uma longa e interminavel serie de perturbações graves em todas as manifestações da nossa vida social. E ninguem nem mesmo os republicanos ainda apresentou como argumento contra o regimen essas perturbações. Se o regimen as reconheceu legitimas para se impôr ao paiz implicitamente ficam reconhecidas legitimas as de qualquer novo regimen que siga o mesmo caminho. Nem a revolução traria mais graves perturbações do que as da ultima dictadura e ella foi de exclusiva responsabilidade do regimen que os monarchicos ainda defendem.

De mais, essas perturbações dependiam ainda e principalmente da attitude dos monarchicos; bem o sabem.

Não terão os republicanos cerebrações superiores para dirigir o nosso paiz? Mas se eu as quizesse enumerar mesmo das de primeira grandeza, encheria columnas inteiras d'este jornal.

Que afinal ainda quando tudo corresse pelo melhor não deixaria de ser desejavel a republica como fórma de governo mais racional e justa.

Basta reflectir em que o primeiro logar do paiz é o unico para o qual se não exige habilitações especiaes ou provas de competencia para o desempenho d'esse cargo que actualmente no nosso paiz é o uinco hereditario.

Um ministro da monarchia já no relatorio d'um projecto de lei (creio que foi o snr. Montenegro no projecto de reforma da Camara dos Pares, mas cito de memoria) affirmou ao terminar com a hereditariedade dos pares, que no seculo 19 não era admiravel outro criterio para a escolha de quem deveria desempenhar cargos publicos que não fosse a revelação de talento e de serviços prestados á causa publica.

Perfeitamente d'accordo; e ahi está como a mudança de

regimen se resume afinal na applicação e realização dos principios estabelecidos e proclamados por os monarchicos. Quem tal diria!

Toribio.

SIGNAES DOS TEMPOS

Comprehendia-se, n'outras epochas, o frade guerreiro, empunhando n'uma das mãos a cruz e na outra a espada, a combater pela fé, a levar com a ajuda de Deus as primicias da civilização ao seio da barbarie, como se comprehende hoje e se admira o padre missionario, que, ardendo em sagrado zelo pelo seu semelhante e animado do sancto amor da Patria, penetra n'essas inhospitas regiões africanas ou asiaticas a levar o pão do espirito aos cerebros informes dos seus habitantes e para de-feza propria se apreste com armas e munições.

O que surprehede, porém, é que no occidente da Europa e no seculo vinte os conventos se transformem em arsenaes de guerra, quando das paginas do Evangelho, que dizem encarnar, resende a paz entre os homens!

Pois será necessario á obra de Deus, toda de paz e amor, o derramamento de sangue, a lucta fratricida, exterminadora, subvertente? pois quererá Deus impôr a sua crença a tiros de canhão ou fuzilaria de espingardas? que religião é essa, que, em plena civilização, precisa de viver da intolerancia, do despotismo, do odio? Christo, meu pobre Nazareno, como desfiguram a tua obra sublime! Tu não fizeste politica, fallaste aos corações, porque o teu reino não era d'este mundo e concedias a Cesar o que de Cesar era; elles, a tua aviltante e profana companhia, não se contentam com o reino da Gloria, querem o predomínio temporal, e para isso caçam heranças, enriquecem, semeiam a discórdia, adulam o poder e exercem effectiva influencia nas altas regiões. Não contentes com isso, armam-se ás escancaras e ameaçam a tranquillidade do Paiz, de que pretendem fazer logradouro privativo.

Quando as hostes liberaes, convencidas do perigo da hora presente, possuidas do mais abnegado patriotismo, ensarilham armas e apenas pedem moralidade e Justiça, offerecendo a sua sincera cooperação, a reacção enfurece-se, tramando contra a Nação, pois é um verdadeiro crime de lesa-patria o lançar a perturbação na sociedade em holocausto a inconfessaveis sentimentos. E os poderes publicos o que fazem? . . .

* * *

Desde que o *Sacré Coeur* fez sentir a sua influencia em Lisboa, a cascavel da Reacção levantou a cabeça e vae colleando impunemente e com aprazimento do Estado pelo paiz além, produzindo os estragos já vistos e oxalá se não vejam aggravados em pouco tempo. Com a cabeça muito alto, para que só muito difficilmente possa ser attingida, vae triumphando das forças vivas do Paiz, que esterelisa, quando não converte.

Nem d'outro modo se explica que o governo se conserve insensivel e indifferente ás accusações claras e concretas, de que varios conventos estão peçados de armas e munições, quando tão sollicito se tem mostrado á menor indicação das gazetas reaccionarias, chegando a praticar a iniquidade de conservar presos durante oitenta e uma eternidades individuos que nada praticaram nem contra a sociedade nem contra o individuo, ao passo que é impotente — queremos crêr que o não faz expontaneamente — para extirpar da nossa legislação essas nodos da lei de 13 de fevereiro, lei de imprensa, lei eleitoral, Juizo de Instrucção Criminal, etc.

Em these não nos repugna a ideia de se deixar vir ás mãos livremente as hostes inimigas, porque não podemos crêr n'esta hora alta do progresso senão na victoria do Direito, da Liberdade, da Justiça e da Verdade e no esmagamento das setas reaccionarias, o que lhes tiraria todos os pruridos de predomínio, mas a hora é perigosa, porque lobrigamos o olho avaro do judaismo credor, que espereita a occasião de lançar de vez a garra adunca sobre esta cubçada presa e acima de tudo queremos a independencia da Patria. Assim preferimos fazer prophylaxia, frustando os assaltos, que se preparam, esclarecendo o povo, mostrando-lhe a rêde, em que o querem emelhar. Se, porém, ainda assim a Reacção provocar a lucta, estamos certos de que esta Patria saberá repelir com brio o inimigo, implantando o rejime liberal e acabando com o sophisma e o absurdo.

Philodemo.

ECOS DA SEMANA

Laus Deo

Na Camara dos pares, os notaveis, para não soffrerem machadadas lá se resignaram, cordatamente, a efectuar em duas insignificantes sessões a votação do orçamento.

Documento o mais grave que

os governos apresentam á discussão e controle dos representantes de uma nação, entre nós, desta como das anteriores vezes, o orçamento foi discutido por mera formalidade. Ninguém cuidou, entre os pares e com uma ou outra excepção, de verificar o que no avantajado bojo do cetaceo, manhozamente, se esconde. Nos corredores da camara, governo e partidos, negociando, combinam, por feliz acôrdo, fazer em duas sessões a votação do mostrengo; e em obediencia á palavra d'ordem assim se fez com o agravo, em boa hora escuzado, da comediassinha da discussão. Ah! se não era perfeitamente escuzado o ceremonial de uma caça do parlamento onde, com solenidade grotesca, os leaders peroram para os confrades inteirados da manigancia, e condescendentes como alegres cúmplices que se divertem...

Discutir o em que ninguém pôz a vista, defender o que previamente se havia aceitado em duas dúzias reaes!...

O parlamento portuguez, em plena aura de vida nova, — não dá mais nada que isto. A Camara dos deputados foi o que edificadamente se sabe: — moça de recados do Paço dos Navegantes, não obstante a destemida, a intelligente e infatigável dedicação patriótica de uma opposição superior; moça de recados que, como todos os da passiva comparsaria, se limitava a receber ordens e a cumprilas. A dos próceres, *pro homines* encanecidos pela experiencia, e acurvalente pela grandeza e brilho das distincções, limitou-se a um vago jesto de assentimento; e acomodadamente safou-se de incomodos — aceitando sem mais leitura o que lhe levaram. Votar o orçamento em dois dias! — e numa caça do parlamento...

Que chuchadeira — tão rotativa, servindo de capa ao que é o equivalente real dos factos: — a continuidade da ditadura. Que é o que, em suma, são os parlamentos em Portugal: — disfarce, biombo de ditadores verdadeiros. Tão verdadeiros os de agora, tão senhores absolutos e tão mistificados como todos aqueles que antes dispensaram, á valentona ou mel fluamente, a arara das côrtes funcionantes. Questão de apparencias, hablidades, que já não surtem efeito.

Junqueiro

Entenebrecido pela maior mizeria moral abordou-se do Poeta um desgraçado qualquer, imaginando desforços. Criatura da reacção ameaçante, lá cuidou a creatura cega vingar por ordens divinas o Padre Eterno, e o D. João, dos magnificentes poemas. Mas do mal sempre um bem surte. E este agora, é que para honra da nossa terra se fala, ahi, em saudar publicamente Junqueiro. Consta de um alvitre de Padua Correa, como também o solicitar do governo a incluzão, nos premios ás creancinhas das escolas, dos livros do grande cantôr da Humanidade Futura.

Assim! Para que os pequenos aprendam cedo o que é a Bonda de, a Inteljencia Suma; a Razão, o Jeno esplendido. Para que a Luz ton fique na sua aureolante corôa; para que a Harmonia de sacalhes dê firmeza ás conceções em factura S m — que os petizes leiam «Os S mples» «O Melro», e tragam no peito «A Lagrima» «Fiel»; e no recesso do eu a tragedia santa e suprema: — «A Pa-

tria.» Pão da verdade para as creanças, — a melhor honra a Junqueiro!

No Brazil

De uma carta do Rio para Portugal — comentando a vida civilizada e pacifica da grande capital brasileira, referencia aos *detective* da segurança:

«O serviço de policia civil é feito por 1500 homens educados. Para esta corporação não entra um homem sem que apresente todos os atestados de bom comportamento, e alem d'isso tem que dar fiador á sua conducta. Na verdade fazem um belo serviço, e oiha que não usam sabre nem revolver. As armas d'eles... são luvas brancas».

Talqualmente ao contrario cá no paiz, onde a policia é o maior e mais activo perigo social. E' que na republica brasileira a condção primordial é o respeito pelo cidadão, e governos honestos e dignos, como o da florente e respeitada republica, não tem necessidade de se impor aos nativos com violencias e repressões. No Brazil a policia é a guarda da ordem publica; em Portugal a policia é a guarda dos governos e do rejime. D'ahi a diferença entre os de cá — brutamontes, irresponsaveis, organizados em quadrilha de assassinato; e os de que fala a transcriçãõ que fazemos.

Oitenta mil contos

E' no que, antes ainda do fim do ano, dará a divida flutuante. Tem vindo sempre num crescer pavoroso, sem que o indifferente Povinho se atrigue, que tristezas não pagam d'vidas. Qualquer dia é presumivel que, como as hexigas, estore, e então é que será o ranjer de dentes dos condenados; — tarde e já sem remissão possivel. Que isto leva rumôr... de ir ao fundo, — não hajam duvidas.

Civilização... regressiva

Maxim, um dos celebres *comisvogueurs* da morte, inventor de explosivos e de formidaveis canhões, não é um homem ocioso — assim não fosse nocivo. Vem agora de experimentar uma espn-garda silenciosa, o *non-pareil* da arte de assassinar. Com isto vem a guerra a tornar se não menos formidavel mas mais arteira, — matando sem o mais leve ruido, com decencia, espedidamente e com o maior socego. Ora Maxim é um ultra civilizado, delicadamente sensível e afectivo, provavelmente; e talvez, mesmo, cristão.

E o seculo em que estamos é o vinte, por autonomaj a chamado o seculo da paz e da electricidade. O mundo civilizado é assim, e é sem péz nem cabeça... uma amarissima burla.

Guerra?

Fala-se, por ahi, com insistencia numa guerra muito provavel entre a Alemanha e a França — a propozito da chamada questão de Marrocos.

Oxalá, os pessimistas, nos enganemos; mas, a propozito ou do Moghreb ou do quer que seja, o conflito mais d'a ou menos dia é irredutivelmente possivel, entre os dois povos do mundo de mais alta e vasta cultura. Ha fortes interesses nisso, o da Inglaterra, entre outros, ancioza por esmagar o irmão jermanico fura-vidas, activo

rebuscador de colonias; e teimozamente aferrado ao aumento desaforado das suas forças maritimas. Assim, a reboque, como anda a politica internacional da conveniencia e da amizade inglezas, é mais provavel que nunca o decisivo duelo entre a Republica Franzeza e a caserneira Alemanha — com a intervenção formidavel, contra a ultima, das esquadras e do diaheiro britânico. E mais uma vez, para saciar os intresses de uma minoria escassa ou o orgulho de alguns dinastas e alguns politicos, os povos com ferocidades ineditas — chacinar-se-hão do damente.

E ao fim o inglez, o francez, o alemão e o austriaco mortos ou mutilados, morrem ou deformam-se — sem nem sequer saberem porquê...

Esplonajem

Desaforadamente, os Vidocq de roupêta e ap to não descansam na admiravel vidinha da espionice sabuja.

Ah! os Magros não dormem nem se descuidam... E é com as escoras da espionajem covarde que se firma e conserva um trono, — imajnam as maldozissimas bestas.

Cantochão

A estatua que o paiz vae erigir ao Marquez de Pombal está causando engulhos aos reaccionarios. E para não morrer d'entala, algum tonsurado que se encobre com o anonymato de duas estrelinhas, na *Discussão* investe de indignação beatifica contra o governo da *concentração-monarchicamaral*, tosando-o por não impedir que as maiorias parlamentares votassem tal projecto, e bate no Marquez, dizendo d'elle coisas feias.

No entanto reconhece que elle foi um grande e economico politico; mas, porque também foi o *flagello dos padres e o terror dos jesuitas*, entende que não merecia uma estatua.

Ora nós fazemos a justiça d'acreditar que tal artigo não é da redacção d'aquelle collega e que, se o leu, só por comprazer o publicou, porque não se comprehende que um jornal, que advogou a ideia e nas suas columnas ha dois annos abriu uma subscrição para a estatua do ministro de D. José viesse agora manifestar-se em sentido diametralmente opposto.

Costuma dizer se que muitas vezes se dá ao diabo uma esmola para o trar da porta, e talvez a *Discussão* assim fizesse, permitindo, n'um momento de bom humor, que a beatitude falasse do Marquez em cantochão desafinado.

Só assim se explica a divergençia de pensar.

Interesses municipaes

O matadouro e o fornecimento das carnes verdes.

O nosso importante agglomerado populacional requer outro matadouro, que não seja esse pequeno e pouco azeiado armazem, em que se abate o gado bovino para o consumo publico, que é grande. A situação do actual pseudo-matadouro, que seria para desejar mais elevada, não se nos afigura má, já porque, predominando em Ovar o vento norte,

está a sul da villa, já porque nos parece que as edificações urbanas não tendem para aquelle lado e portanto a envolvel-o.

E', porém, acanhado e desprovido das elementares condições hygienicas. Não querendo espalhar o panico, evitaremos descer a descrever por meudo os defeitos, que por lá vão, quer por deficiencia da parte material do estabelecimento, quer pela má technica operatoria, que se segue desde a matança até á exposiçãõ da carne nos talhos.

Não nos propomos tão pouco n'este despretencioso artigo fazer a descripção detalhada das condições materiaes, a que deve satisfazer um matadouro para não prejudicar a saude publica e não frustrar o seu fim.

Queremos limitar-nos a apontar alguns defeitos do nosso, entre os quaes resaltam a *falta de capacidade e de compartimentos* onde se realizem separadamente as diversas operações por que deve passar a carne até á venda; a *má e deficiente distribuição* de agua absolutamente necessaria á conservação da limpeza; a *pessima e perigosa derivação* das imundicies e aguas sujas; a *nulla ventilação* tão precisa para a boa conservação da carne, como condção indispensavel para se manter a atmospheria fresca, etc.

N'estas condições, sendo já por natureza os matadouros estabelecimentos insalubres e perigosos, aggravados resultam no nosso caso estas qualidades.

No que diz respeito ao regimen, no nosso matadouro existe uma ampla liberdade de acção; se não apparece á venda carne putrefacta ou de animaes doentes, será porque a consciencia dos marchantes a isso se oppõe. A fiscalisação é *nulla*, não obstante pelo n.º 20 do art 74 do R. G. de Saude impender esse dever ao sub-delegado de saude. S. Ex.ª com o auxilio da administração que lh'o não pode negar, deveria examinar o gado antes de abatido, *obrigar a matança a hora certa*, examinar as visceras e *carimbar* a carne ou arranjar por qualquer meio a não ser frustrada a fiscalisação.

Se o snr. sub-delegado de saude entende, como nós, que o edificio do matadouro não está nas condições necessarias á conservação da carne e á limpeza exigíveis, tem á sua disposição para remediar o mal os n.ºs 17, 18, 19 e 29 do art. 74 do regulamento citado. O que não pôde continuar é o actual estado de coisas, porque é um perigo.

Como S. Ex.ª muito bem sabe, na carne putrefacta geram-se substancias septicas (ptomains), que nem mesmo a ebulição prolongada destroe, indo causar no organismo, que as ingere, accidentes perniciosos. Da mesma maneira para a carne de animaes doentes. S. Ex.ª sabe também, que é vulgar no gado bovino a *tuberculose* e, emquanto se discute se ella é ou não transmissivel ao homem, é justo e racional que nos vamos acautelando, como se o fosse. Por mais raras não insistimos na *febre aphtosa*, *carbunculo*, *mormo*, *raiva*, etc. Ora os marchantes podem *mesmo sem querer, por ignorancia*, expôr ao publico *carne inquinada*, não obstante a nossa crença de que nenhum d'elles o faça *conscientemente*. Também é justo que se termine com o actual modo de conducção de carne para

os talhos, que é pouco limpo e agradável. O dispendio com *caixões fechados* é insignificante e satisfaz ao fim.

* * *

E' avultado o numero de *suiños* que se matam para vender ao publico, abatendo cada um o *que quer e onde quer*. E' de primeira intuição a gravidade d'esta pratica e por consequencia torna-se de instante necessidade a regulamentação da matança dos suínos, obrigando-se a fazel-a no matadouro. Só assim se poderá fazer efficaz fiscalisação e garantir ao publico a inocuidade da carne de porco, que adquire no mercado. E' de vulgar conhecimento que o porco transmite ao homem, entre outras doenças, a *toenia* (bicha solitaria), a terrivel *trichinose*, etc.

A matança dos carneiros, se bem que a sua carne tenha diminuto consumo, deverá obedecer á mesma regra.

Mas isto serão *coisas minimas* de que não cuidarão os pretores...

Fabio Cunctator.

P. S. — Ciosos da nossa dignidade, que nos não permite fazer afirmações gratuitas e que nos compelliria á rectificação, se por acaso tivessemos cahido no erro de as fazer, guiados pela honestidade e lealdade de processos de combatividade, que temos seguido e que desejamos e esperamos manter, devemos ao publico a confirmação de que em Ovar não existe *legalmente* lançado o *imposto da prestação do trabalho* e portanto de que nada se pôde exigir perante a lei.

Não precisamos de investigar na secretaria da camara; bastanos saber que *se não têm praticado actos essenciaes*, que de nenhuma forma poderiam passar despercebidos. Mercê de Deus, não será qualquer sophisma, que nos fechará os olhos á verdade, e para prova aqui nos offerecemos para victima voluntaria, declarando que nunca pagamos tal imposto e desafiando quem quer que seja a que nol-o *obrigue* a pagar *este anno* ou emquanto se não lançar *devidamente*.

Mas, o furor da argumentação; veja a camara, em que situação a collocam!...

Affirmar que o imposto existe e não se cobre o mesmo é que dizer que se *defrauda* o cofre da camara em avultada quantia, *commettendo-se ao mesmo tempo a gravissima iniquidade* de o extorquir a *alguns* municipes, pois nada mais odioso, principalmente em materia tributaria, do que a excepção. Estariam *uns e poucos* a sacrificar-se em beneficio de *todos e d'alguns*, que porventura gozariam de melhores condições de fortuna!...

F. C.

Alma Humana

Conheces tu — ó suave como um niuho, a lenda, para bola ou historia d'Agar, mãe da familia do Islam? Pois digo-ta — que é comovente.

Agar com o tenro filhinho ao peito, dormia a noite sob a tenda. Duro, como um seixo, o hebereu seu dono acordou-a, pol-a de fóra, rez-rez com o deserto plano, e mudamente, com o indicador apontou-lhe o occidente vago, o

caminho incognito do acazo. Escrava, a mulher submissa pegou da trouxa, estreitou o filho, sondou os astros, e poz-se a marchar na noite. Jornada insegura, com um mundo de farrapos tragicos a rodear-lhe a cabeça. Nasceu o sol, veio o dia, veio a alucinação da miragem, por fim a sede, horroza e insaciada, tomando todo o deserto; todo o plano da terra branca e todo concavo do ceo cinzento. Sêd... Sêde...

Agar caiu, ergueu-se, tornou a ajoelhar na areia, de balde invocou o céo.

De balde... Nem gota d'agua, nem palmeiras verdes, nem o ruir de leoa prenha.

Nem vento. Nem tendas.

Areia, céo, dia ou noite, sêde... Num ultimo arranco marchou, arrastou-se, estendeu-se ao comprimento da terra, e labios abertos e narinas secas e olhos fóra da orbita, Agar, a escrava, morreu. Ao lado corria um arroio, e agua gorgolejando amorosamente dessedentava as pientas, e as andorinhas do Ejito. Eu não sei bem se isto é lenda, se é historia real, se é comovente parabola. Quero acreditar que é parabola, e que ó tu, minha doce, com as tuas palavras vagas, com o teu inseguro «espere...» sejas para mim tão incognita, tão ameaçante, tão trajica, como o sepulcro d'areia, em que á sêde e em supplicios Agar, a escrava, acabou.

Minusculos.

ARA

CAMINHO ERRADO

Eu nada sou e nada fiz, comtudo conheço a vida e compreendo-a bem: mas se falhí a todos e em tudo, falhei principalmente a mim tambem.

E eu podia talvez como ninguém rompér na vida com que não me iludo, pelas virtudes que a minha alma tem e pelos meus defeitos sobretudo.

Mas não! Tudo falhei, nada consigo! Em vez do amor busquei sempre a mulher, sempre em vez da amizade algum amigo.

Criminoso p'ra os outros, foi um crime que eu cometi contra o meu proprio sêr... Devia dispersar-me e resumi-me!...

Guedes Teixeira.

FOLHETIM

FIALHO D'ALMEIDA

Trajedia na Arvore

—Como poetas de jenio, os rouxinoes não podiam morar senão em aguas furtadas. E toda a noite ele cantava nos pincaros da arvore gigantesca. Como o ouvia da janela, embevecido, quiz-me parecer, francamente, que o velhaco roubava pedaços ás Flores do Campo, do João. Sob a lua clara de abril, ao pestanejar das estrelas, a sua voz corria escalas, tomava alturas extraordinarias, brios, ineditas riquezas, ressonancias inauditas, e esse largo estilo do canto, já hoje raro até nos tenores celebres. A faia tornara-se pois conservatorio: melros ao rez

CHRONICA AGRICOLA

XVI

Vinicultura—Bagaço

Terminada a fermentação tumultuosa, não está ainda o vinho feito porque para isso tem de soffrer a chamada fermentação lenta, que se dá já dentro da vasilha.

Ha varios symptomas de ter terminado a fermentação tumultuosa: cessa aquelle ruido particular que se chama *ferveira*, a temperatura desce, desprendem-se menos gazes e a balsa começa a descer.

Em algumas regiões tiram o vinho quando elle dá prova o que conhecem pela cor, travo, e ainda por um processo primitivo que consiste em atirar vinho á parede e vêr a fórmula porque elle adhere e corre. Todas estas indicações de que o vinho dá prova são pouco seguras e só aproveitaveis por quem disponha d'uma larga pratica e conhecimento do typo de vinho da região.

As indicações mais seguras são as do gleucometro que deve indicar os graus, sobretudo nos vinhos de pasto.

Conjunctamente se percebe terminaraquelle movimento tumultuoso que até havia, o que de resto o mais inexperiente n'este assumpto rapidamente conhece.

Recolhido o vinho nas vasilhas, fica ainda o bagaço impregnado de vinho que retem em grande quantidade; esse vinho só pôde aproveitar-se por a espremedura que pôde fazer-se pelo rudimentar processo de *vara e fuso* ou pelas modernas prensas das quaes por mais pratica e experimentada destacaremos a Mabile.

Mettido n'uma d'essas prensas o bagaço larga uma quantidade muito apreciavel de vinho, ainda mesmo que previamente tenha sido expremido n'uma das antigas de vara e fuso, o que portanto as torna recommendaveis.

O seu custo é muito pouco elevado e o lucro que annualmente dão não só pagam bem, o juro do capital empregado, como dá ainda para uma amortisação rapida d'esse capital.

Por muito bem espremidos, porém, que esteja o bagaço, ainda em si contém muito de aproveitavel e não é o lavrador cujas precarias condições são sobejamente conhecidas que pôde desprezar a minima parcella de lucro.

Pôde com o bagaço de vinhos fortes fabricar-se a *agua-pé* o que se obtém addicionando-lhe agua em quantidades muito variaveis quanto menor for a quantidade d'ella, melhor—por mais forte—será a *agua-pé*.

Chegam a addicionar-lhe 160 e 180 litros d'agua para o bagaço d'uma pipa, na Bairrada, mas a quantidade varia de um para outro vinicultor.

O bagaço pisa-se novamente dentro da agua e deixa-se fermentar.

Entre nós não vale a pena fabricar *agua-pé*, sempre d'inferior qualidade.

A fabricada com bagaço de vinho forte, sobretudo quando mal espremidos e quando se lhe addiciona pouca agua, é uma bebida muito usada e muito agradável, não raras vezes preferida ao vinho produzido por esse bagaço, sobretudo para os paladares que não sympathisam com os vinhos alcoolicos.

São tambem empregados os bagaços para o fabrico da aguardente chamada mesmo *bagaceira*; para a fabricar é preciso ter aparelho especial e amontoa-se o bagaço deixando-o fermentar um pouco antes de o levar ao alambique.

Seja ou não distillado, não deve ainda depois de tudo isso despresar-se o que fica. Estende-se ao sol e depois de secco separa-se com um ancinho o engajo e depois com

um crivo o folhelho da grainha. O engajo serve para estrume ou para queimar; o folhelho pellicula da uva para, misturado com palha cortada, alimentar o gado e a grainha para alimentar as aves ou moida, para alimentação dos porcos sob a fórmula de farinha.

Da grainha ainda se extrae uma substancia muito necessaria para o tratamento dos vinhos, sobretudo dos brancos: o *tannino*. E' preferivel para isso empregar a grainha da uva branca que é mais rica d'essa substancia que se obtém por a maceração da grainha em alcool. «O Lavrador» aconselhava a obtel-o enchendo um barril com grainha até 3/4 partes e acabando de o encher com aguardente de vinho de 1º ou 1 1/2º. Tessa que correspondem a 19º ou 19 1/2º Cartier ou 50º centesimas. Agitando o barril ameudadas vezes, obtinha-se ao fim d'alguns mezes uma solução concentrada de tannino que se applicaria por tentativas visto ser desconhecida a sua percentagem.

Mas não pára aqui a utilidade do bagaço; pôde extrair-se d'elle o tartro e se não indico o processo é por entender que o seu aproveitamento economico demanda apparelhos e conhecimentos especiaes.

Indicarei, porém, a fórmula d'extrahir da grainha *oleo para luz*. Ensina Pereira Coutinho a fazel-a moer, aquecer a farinha com agua a 50º grús (a agua ferve a 100 grús) e espreme-la. E' simples e economica, chegando no dizer do illustre professor a obter-se 15 0/10 de bom oleo para luzes. Nunca experimentei, tencio fazel-o, mas não tenho duvida em aconselhar a outros a experiencia que, além de não trazer encargos monetarios, me merece a maior consideração e confiança o caracter e a probidade profissional d'aquelle tecnico que não indicaria no seu livro esse processo se elle não fosse exequivel.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Partiram hontem para Madrid, em digressão de recreio os nossos conterraneos Manoel Ferreira Dias e José Bastos.

—Pelo nosso sympathico amigo e distincto aspirant do exercito Manoel Rodrigues Leite acaba de ser pedida em casamento a snr.ª D. Eugenia d'Oliveira Gomes extremecida filha do snr. Manoel Gomes da Costa, cujo consorcio se effectuará após a promoção do militante a alferes.

—Em digressão de recreio, partiram segunda feira para Luzo, seguindo d'alli para Thomar, os nossos apreciaveis amigos Ernesto Zagallo de Lima, Gustavo Sobreira e Alvaro Valente.

—Está quasi restabelecido, o que estimamos, das queimaduras que recebeu no braço esquerdo, em consequencia d'uma explosão de gazolina, quando fazia experiencia no motor da sua lancha, o snr. dr. Jorquim Soares Pinto.

—Partiu para Agueda, onde foi passar as ferias, o nosso amigo

do chão; no andar nobre, pintasilgos, e o rouxinol bohemio nas aguas furtadas. Durante o dia o melro assobava, e o pintasilgo vá de fazer vocalizações. Ah, mas de balde queriam ambos macaquear o rouxinol. Isolados, agradariam talvez como rusticos trovadores; eram porém ridiculos junto a semelhante adversario. Mal o campo adormecia, calava o melro o seu siflo de gaiato. Comidos de inveja punham pontos os vaidosos pintasilgos. E eis o rouxinol lançando triunfalmente ao anfiteatro das colinas, o grande motivo de opera a executar. Cantam sobretudo de noite, os rouxinoes, fazendo lua, quando as mais aves dormem burguezamente, com as cabeças debaixo da aza. E' então que a voz lhes ganha acentos pateticos, melodias nuançadas de paixão, vehemencias, caprichos, supplicas.

Ninguém rimou ainda com mais cruciante lirismo o poema da me-

lancolia. Para entedel-os é necessario sêr pobre, ter talento, e ter soffrido. Dão a nostalgia do céo, esses saboyanos cuja voz estanca as dores da alma, e cuja existencia faz cismar, pelo misterio de que se enubla.

Encarcerados, morrem de tristeza. Desaparecem quando murcham as primeiras madresilvas. As suas penas teem uma cor suja de andrajos. Pequenos, contrafeitos, moles, cismadores, com pouca força nas aztas, dir-se hiam convalescentes, ou forasteiros, que o clima do paiz estiolasse. Almas talvez de poetas, volvendo em passaro, á procura das suas Lauras e Natercias.

Desde que os competidores do rouxinol se convenceram de impotencia travou-se na arvore uma batalha furibunda.

Todo o dia os melros faziam exasperadas tentativas para dobrar o canto, e ir *smorzando* a

Amadeu Soares Lopes, escrivão de dreito n'esta comarca.

—Na Ilha do Príncipe deu á luz uma creança do sexo masculino a dedcada esposa do nosso patricio e correligionario Armin-do Ramos.

O: nossos parabens.

—Está convalescente a esposa do snr. Manoel Rodrigues Alexo. Est-mamos.

—Encontra-se com sua esposa no Furadouro o nosso bom amigo José Vidal.

Guerra Peninsular

A unica demonstração de regosijo que houve no dia 15 n'esta terra em commemoração do centenario da Guerra Peninsular foi o encerramento, como em dias de luto, das repartições publicas, em consequencia do feriado decretado pelo governo.

Por seu lado a camara nem sequer hasteou no edificio dos paços do concelho o pavilhão nacional. Para quê?

Que lucraria a camara em ter o incommodo de prestar em nome do concelho, o culto da sua homenagem dos antepassados que em defeza da Patria se bateram e cuja memoria n'aquelle dia se commemorou, se com esse facto aos vereadores não advem votos?

Porém, quando da aclamação do rei não se esqueceu aquella corporação de hastear a bandeira e botar musica, iluminação e foguetorio—para honra da realeza.

Registamos o facto, para se avaliar em todo o tempo o civismo dos *patriotas* que representam o concelho e para se confrontar a importancia d'uma festa realenga com o valor civico d'uma data que o paiz celebra.

Furadouro

Está regularmente animada pela affluencia de banhistas que dia a dia alli vem chegando, aquella bellissima praia cuja animação augmenta á maneira que se avizinha a *festa do mar*, que como é sabido, se effectuará nos dias 26, 27 e 28 do corrente.

Para estes festejos já se acham contractadas duas bandas de musica, fogo de Vianna do Castello e as illuminações, que promettem ser de surpreendente effeito.

A commissão promotora trabalha na esperança de dar aos festejos o maximo luzimento.

pobre *Maria Cachucha* que tinham aprendido no berço, e os pintasilgos, inchados de prosapia, ensaiavam trilos e garganteavam arietas, á maneira tambem do rouxinol.

A' volta deles, nas ramas dos salgueiros, nos ninhos, nos ares, a passarada ria sem reboço das filancias d'aqueles empertigados cantores. Havia um cuco sobretudo admiravel de escarneo. Nunca vi cuco assim trocista e folião. Porque era começar o *charivari* dos melros e pintasilgos nas pernas baixas da faia, entrava o velhaco logo — *cucul cucul* Só o rouxinol na sua agua furtada sobranceira aos campos, numa atmosfera de socego, dominando algares, colinas, o rouxinol calado, absorto numa especie de sonho poetico, parecia não cuidar d'adversarios, caido nessa morna tristeza que consome, fora do tablado, os grandes tragicos e cantores.

—A pesca começou a animar no principio da semana, sendo o seu producto algo compensador.

Contribuições

Termina no proximo sabbado, 19, o praso para o pagamento voluntario da segunda prestação das contribuições predial e industrial, relativa ao anno de 1907.

Passado aquelle praso, são os contribuintes onerados em mais os juros da mora.

Vindimas

Está-se procedendo á vindima n'esta região, sendo regularmente abundante a producção de vinho em todo o concelho.

Torneio de tiro

Dedicado ás damas da praia e promovido pelos snrs. dr. Pedro Chaves, José Vidal e Antonio Valente Compadre, realisa-se no proximo domingo pelas 3 horas da tarde na praia do Furadouro e em terreno fronteiro á *Villa Paraense* um torneio de tiro aos pombos e esferas, durante o qual se fará ouvir uma banda de musica.

Ha varios premios, e entre elles um offerecido pelas damas.

Aguas da Curia

Sulfatadas-calcicas, sem rival no paiz, eguaes ás afamadas aguas francesas de Contrexéville. Estabelecimento thermal aberto até 31 de outubro. Estação de Mogofôres.

Carros á chegada de todos os comboyos. Hotéis perto das aguas. Vida saudavel e tranquilla de campo. Lindos passeios pela região da Bairrada.

Estas aguas estão chamando a attenção dos medicos pelos resultados apreciaveis que estão dando no tratamento da diathese do rim e da pelle. A sua especialisação funcional é na lithiase renal e na cystite catarral chronica. Recomendamol-as como unicas no seu genero. Encontram-se á venda em Ovar nas pharmacias Baptista e Rodrigues.

Noite desce dos montes! Já vão enegrecendo nas nuvens as ultimas orelas de oiro e cocho-nila.

E ahi temos o rouxinol que desperta, e se ajta, tomado de um nervozismo histerico, e esvoaçã, lançando os primeiros assentos melodicos, como um belo tenor, para ensaiar a voz antes que a plateia rumoreje, e a abobada azul do grande teatro illumine o seu lustre de estrelas e romantico luar. Fatigados, áquella hora, melros e pintasilgos não queriam senão dormir. Mas quem diz que o consente a vibrante voz do bone-mio que móra por cima?

Isto recrudescia o rancor das aves invejozas, que juraram vingar-se. Tinha o rouxinol nos cimos da faia uma familia, que ocultamente ia educando.

(Continúa.)

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares
COM

ARMAZEM D'ARROZ

NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e siam cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUFI DA SILVA

BONIFACIO & C.^a

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.	
MANHA	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29	—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	—	—	8,18	—
Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	—	—	—	6,14	—	8,58	10,55	
TARDE	S. Bento	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Espinho	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Esmoriz	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Cortegaça	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Carvalh.ra	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	OVAR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Vallega	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Avanca	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Aveiro	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.	
MANHA	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39	—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43	—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,11	11,54	—	—	—	6,14	—	—	—
	Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	4,15	5,35	6,23	7,25	—	11,4
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8	—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47	2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28	
TARDE	S. Bento	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Espinho	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Esmoriz	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Cortegaça	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Carvalh.ra	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	OVAR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Vallega	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Avanca	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Aveiro	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR—Rua das Figueiras

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool. aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tude o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recibidos das propriedades do Ill.^{mo} Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emitido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.